

Este trabalho pertence à pesquisa *Crônica e cotidiano no final do Império: Machado de Assis e a série “Balas de Estalo”* e procura fundamentar uma das hipóteses centrais desse projeto, qual seja, a sedimentação própria que a crônica enquanto gênero literário atingiu na prática do diálogo entre o conjunto de cronistas que compunham a série *Balas de Estalo*, da qual fez parte Machado de Assis. Tal produção coletiva pressuporia um projeto com certas marcas de regulação de estilo do grupo, que, por consequência, estabelece importante relação com a sedimentação do gênero crônica e a própria forma de produção de Machado de Assis. Assim, inicialmente três pontos se sobressaíram na fundamentação da hipótese. O primeiro diz respeito a como a crônica moderna se constitui na tensão entre as exigências de seu veículo, o jornal, e sua autonomização pela literatura, seu salto para a dimensão estética. O segundo diz respeito aos momentos dialéticos da sedimentação desse gênero na obra machadiana, que se expressariam no ceticismo (diante dos projetos de modernização e das panaceias correntes), na construção do distanciamento e da mediação (diante da exigência de se estar colado ao presente e às “eternas novidades”) e na crônica enquanto espaço de subjetividade na proposta de “objetividade” da imprensa. Finalmente, o terceiro ponto diz respeito às transformações estéticas por que passou a crônica machadiana. Para tal, nosso recorte toma como comparativo o estudo anterior que fizemos das séries *Histórias de 15 dias*, *Histórias de 30 dias* e *Notas semanais*. Observamos um movimento da crônica machadiana que iria do “burburinho” e do “cochicho” entorno da história miúda, do cotidiano e das novidades, em uma organização pouco literária, porém bastante radical, que vimos caracterizar as crônicas de 1878 à passagem para a tematização da política nas *Balas de Estalo* com um importante ganho de elaboração estética. Esse movimento nos impôs uma pergunta: diante da estetização do discurso político (especialmente pela retórica vazia e pela perda do nexos com a realidade), Machado de Assis teria respondido com a politização da arte (pela crônica como intervenção na realidade)?